



## O REINO DE DEUS EM DANIEL 2<sup>1</sup>

---

### *THE KINGDOM OF GOD IN DANIEL 2*

Vanderson Rodrigues<sup>2</sup>

Flávio Schmitt<sup>3</sup>

#### **Resumo:**

O Reino de Deus é uma das temáticas presentes tanto no Antigo Testamento quanto no Novo Testamento. Neste artigo, é apresentada uma exposição da natureza e do tempo do Reino de Deus conforme descrito no capítulo 2 do livro de Daniel. As interpretações acerca do tempo e da natureza do Reino serão apresentadas, seguidas da exposição e estudo do texto de Daniel 2. O estudo é abordado sob a perspectiva canônica, levando em consideração uma perspectiva tradicional, tomando como pressuposição o testemunho da narrativa bíblica sobre a atuação divina e o caráter preditivo indicado no texto de Daniel. Na aplicação dessa abordagem, evidencia-se o caráter literal e sobrenatural, indicado pelos textos do Antigo e Novo Testamento, no que tange ao estabelecimento do Reino de Deus. Esse Reino, portanto, revela a ação direta de um Deus que atua na história e conduz seu curso até sua consumação final, com a restauração total e completa da humanidade.

**Palavras-chave:** Reino de Deus. Escatologia. Escolas de interpretação profética.

#### **Abstract:**

The Kingdom of God is one of the themes present in both the Old Testament and the New Testament. In this article, an exposition of the nature and timing of God's Kingdom as presented in chapter 2 of the book of Daniel is provided. The interpretations regarding the timing and nature of the Kingdom will be presented, followed by an exposition and study of Daniel 2. The study is approached from a canonical perspective, taking into account a traditional perspective, with the presupposition of the testimony of the biblical narrative concerning divine action and the predictive character indicated in Daniel's text. Applying this approach highlights the literal and supernatural nature of the establishment of God's Kingdom, as indicated by the Old and New Testament texts. This Kingdom, therefore, reveals the direct action of a God who acts in history and guides its course until its final consummation, with the total and complete restoration of humanity.

**Keywords:** Kingdom of God. Eschatology. Schools of Prophetic Interpretation.

\*\*\*

---

<sup>1</sup> Enviado em: 10.09.2024. Aceito em: 20.11.2025.

<sup>2</sup> Mestrando em Teologia pela EST, São Leopoldo/RS. Pós-Graduado em Teologia Bíblica pelo UNASP-EC. Extensão Teológica em Teologia Protestante pela Université de Strasbourg-França. E-mail: [vanderson.jr@hotmail.com](mailto:vanderson.jr@hotmail.com)

<sup>3</sup> Doutor em Ciências da Religião pela UMESP, professor na Faculdades EST em São Leopoldo/RS. Email: [flavio@est.edu.br](mailto:flavio@est.edu.br)

## Introdução

O conceito de um Reino de Deus futuro e escatológico inaugurado pela ação divina está presente no Antigo Testamento e na literatura apocalíptica judaica.<sup>4</sup> Nos textos do Antigo Testamento Deus é tido como um “Rei” de Israel (1Sm 12:2) cujo trono está no céu (Is 6:5), mas que nos últimos dias estabelecerá seu reinado (Is 24:24) sobre a terra, pondo fim a todos os poderes terrenos e instaurando seu reino eterno (Dn 2:44).<sup>5</sup> Nos textos apocalípticos judaicos como de 1 Enoque, esse conceito de implementação do Reino de Deus no eschaton é continuado. No livro de 1 Enoque, por exemplo, o estabelecimento do Reino de Deus envolverá um juízo que acometerá não apenas os homens, mas também os anjos (1En 1:6; 10:8; 19:1).<sup>6</sup> Nesse dia de juízo todos os que perseguiram os justos serão aniquilados (1En 96:3) ao passo que os justos desfrutarão de todo bem, honra e alegria que Deus lhes concederá (1En 103:2).<sup>7</sup> Do mesmo modo, nos manuscritos de Qumran esses conceitos estão presentes através dos vários textos, como os de Daniel e 1 Enoque encontrados.<sup>8</sup>

A perspectiva futura do estabelecimento do Reino de Deus apresentada no Antigo Testamento e na literatura apocalíptica judaica é descrita nos evangelhos sinópticos como uma realidade já presente na pessoa de Jesus Cristo.<sup>9</sup> No evangelho de Mateus 4:17, Jesus declara que “... **aproxima-se** o reino dos céus” (ἤγγικεν γὰρ ἡ βασιλεία τῶν οὐρανῶν [ênfase nossa]).<sup>10</sup> Essa realidade presente do reino na pessoa de Jesus Cristo é atestada pelos milagres e exorcismos realizados em seu ministério: “Se, porém, eu expulso os demônios pelo dedo de Deus, certamente, é **chegado** o reino de Deus sobre vós” (Lc 11:20 [ênfase nossa]) [εἰ δὲ ἐν δακτύλῳ θεοῦ ἐκβάλλω τὰ δαιμόνια, ἄρα **ἔφθασεν** ἔφ’ ὑμᾶς ἡ βασιλεία τοῦ θεοῦ]. Esse caráter duplo, apresentado por Jesus, de um reino que já está presente, mas também futuro (Mt 24:1-44; 25:31-32), reflete a dimensão dual

<sup>4</sup> DULING, Dennis C. “Kingdom of God, Kingdom of Heaven”. In: FREEDMAN, David Noel (ed.). *The Anchor Bible Dictionary*. Vol. 4 K-N. New York, London, Toronto, Sydney, Auckland: Doubleday, 1992., p. 49-56.

<sup>5</sup> Deus é chamado קִנִּי (Rei) 41 vezes no Antigo Testamento. Ver: Zabatiro Júlio Paulo T. “Rei, Reino”. In: BROWN, Collin, COENEN, Lothar. *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000, p. 2026. Uma breve descrição estatística do uso do vocábulo “Rei” em conjunto com “Deus” pode ser vista em: SEYBOLD, “Theological Usage: Yahweh as King – Yahweh mlk”. In: BOTTERWECK, G. Joannes; RINGGREN, Helmer; FABRY, Heinz Josef (eds.). *Theological Dictionary of The Old Testament*. Vol. 8. Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans Publishing Co. 1997, p. 365-366.

<sup>6</sup> A tradução utilizada para o estudo dos textos de 1 Enoque é a tradução para o Inglês de Charlesworth. Ver: CHARLESWORTH, James H. (ed.). *The Old Testament Pseudepigrapha: Apocalyptic Literature and Testaments*. Vol. 1. 5. ed. Peabody, Massachusetts: Hendrickson Publishers, 2016, p. 13-89.

<sup>7</sup> Um breve resumo de outros textos apocalípticos com semelhante perspectiva escatológica pode ser visto em: ROSSANO, P; RAVASI, G; GIRLANDA A. (eds.). *Nuevo Diccionario de Teología Bíblica*. Madrid: Ediciones Paulinas, 1990, p. 1616.

<sup>8</sup> Ao todo, foram identificados doze manuscritos do livro de 1 Enoque e oito do livro de Daniel. Ver: KNIBB, Michael A. “Apocalypticism and Messianism”. In: COLINS, John J; LIM, Timothy H (eds.). *The Oxford Handbook of The Dead Sea Scrolls*. Oxford: Oxford University Press, 2012. p. 412. Alguns autores sugerem que parte dos manuscritos encontrados na sétima caverna de Qumran (7Q) podem ser de textos do livro de 1 Enoque. ver: VANDERKAM, James, FLINT, Peter (ed.). *The Meaning of the Dead Sea Scrolls: Their Significance for Understanding the Bible, Judaism, Jesus, and Christianity*. San Francisco: Harper Collins Publishers, 2004, p. 311-320.

<sup>9</sup> No texto de Mateus as expressões “Reino de Deus” e “Reino dos Céus” são usadas como sinônimos. No entanto, no evangelho de Mateus, em comparação com Marcos e Lucas, há uma preferência pelo uso de “Reino dos Céus” possivelmente refletindo o uso de circunlocuções com “céu” para se referirem a Deus. ver: FRANCE, R.T. *The Gospel of Matthew*. Grand Rapids, Michigan: Wm.B. Eerdmans Publishing Co, 2007, p. 101; KUHN, Karl Georg. “מֶלֶךְ in Rabbinic Literature”. In: KITTEL, Gerhard (ed.). *Theological Dictionary of The New Testament*. Vol. 1. Grand Rapids, Michigan: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1969, p. 571-572.

<sup>10</sup> Donald Carson observa que é possível que o verbo ἤγγικεν tenha o mesmo sentido de ἔφθασεν (“chegou”) do capítulo 12:28. CARSON, Donald A. *O Comentário de Mateus*. São Paulo: Shedd Publicações, 2010, p. 130.

em que o reino se faz presente através de Jesus em seu ministério, mas alcançará seu ápice com a restauração e implementação da nova ordem de paz, justiça, vida eterna e renovação de todas as coisas (Ap 21:1-8; 2Pe 3:8-13). George Eldom Ladd, ao tratar da realidade presente e futura do reino, relaciona-a com a derrota inicial infligida por Cristo a Satanás em seu ministério terrestre e sua destruição final no *eschaton*, quando todas as forças do mal serão destruídas: “A missão completa de Jesus – incluindo suas palavras, seus feitos, sua morte e sua ressurreição – constitui uma derrota inicial do poder satânico, garantindo que a vitória e o triunfo final do Reino de Deus sejam certos”.<sup>11</sup> Apesar de os evangelhos apresentarem uma realidade presente do Reino em Jesus Cristo, o livro de Daniel enfatiza a instauração da nova ordem no *eschaton*.

No livro de Daniel, capítulo 2, o Reino de Deus é simbolizado por uma pedra que é lançada sem intervenção humana, atingindo uma estátua composta por diversos metais. Ao atingir a estátua em seus pés, todos os metais que a compõe são esmiuçados. Na explicação do significado do sonho, descreve-se o surgimento do Reino de Deus, simbolizado pela pedra que suplantará todos os reinos e permanecerá para sempre. A perspectiva do sonho do capítulo 2 sugere o surgimento do Reino como um ato divino de Deus que atua diretamente na história e que, por fim, surgirá em determinado momento, pondo fim a todos os reinos ao mesmo tempo em que estabelece seu reino para todo sempre. Essa perspectiva bíblica, entretanto, tem sido vista de diferentes modos pelos expositores do livro de Daniel.

De modo geral, a interpretação da natureza e do tempo da implementação do Reino de Deus, simbolizada na descrição do capítulo 2 do livro de Daniel, tem sido objeto de diversos debates e pontos de vista ao longo da história da interpretação bíblica.<sup>12</sup> A perspectiva histórico-crítica situa o livro e suas descrições no contexto dos Macabeus, por volta do ano de 165 a.C.<sup>13</sup> Porém, há acadêmicos que situam o livro no século VI a.C., em conformidade com as evidências internas e externas do livro.<sup>14</sup> Outra ideia defendida é que a pedra representaria o Reino de Deus que tem seu início com a igreja no primeiro advento de Cristo, mediante o qual terminaria por vencer todo o mal existente na terra.<sup>15</sup> Outra possível forma de compreender o Reino de Deus, simbolizado pela pedra, é através de um cumprimento completamente escatológico, tendo a segunda vinda de Cristo como objeto prefigurado na imagem da pedra.

---

<sup>11</sup> LADD, George Eldom. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Hagnos, 2012, p. 93.

<sup>12</sup> John J. Collins, na introdução de seu comentário bíblico sobre o livro de Daniel, traz uma excelente visão panorâmica das diferentes interpretações do livro de Daniel desde o judaísmo até o período moderno. Ver: COLLINS, John J. *Daniel: A Commentary on the Book of Daniel*. Minneapolis: Fortress Press, 1993, p. 72-123. No contexto do estudo do Reino de Deus, é válido mencionar duas posições modernas em relação ao conceito de Reino de Deus. Rudolf Bultmann por exemplo, declarou que “O conceito dominante da mensagem de Jesus é o Reino de Deus”. No entanto, esse reino era compreendido como uma realidade apenas existencial. BULTMANN, Rudolf. *Theology of the New Testament*. Vol. 1. New York: Charles Scribner’s Sons, 1951, p. 4; Por outro lado, Walter Rauschenbusch sugere que o Reino de Deus ocorre por uma mudança social conduzida pelos seres humanos na realidade histórica concreta. RAUSCHENBUSCH, Walter. *Christianizing the Social Order*. New York: The Macmillan Company, 1912.

<sup>13</sup> Ver: MONTGOMERY, James A. *Daniel. The International Critical Commentary*. Skokie, Illinois: Varda Books, 2005. COLLINS, John J. “The Book of Daniel”. In: FREEDMAN, David Noel (ed.). *The Anchor Bible Dictionary*. Vol. 2 D-G. New York, London, Toronto, Sydney, Auckland: Doubleday, 1992. p. 29-34.

<sup>14</sup> HASEL, Gerhard F. “Estabelecendo uma Data para o Livro de Daniel”. In: HOLBROOK, Frank B (ed.). *Estudos Sobre Daniel: Origem, Unidade e Relevância Profética*. 2 ed. Engenheiro Coelho, SP: UNASPRESS, 2021, p. 89-151.

<sup>15</sup> BENNETT, Douglas. “O Reino de Pedra de Daniel 2”. In: HOLBROOK, Frank ed. 2 ed. *Estudos sobre Daniel: Origem, Unidade e Relevância profética*. SP: UNASPRESS, 2021, p. 322.

A interpretação do texto de Daniel, em especial da natureza e tempo do reino, será diretamente afetada pelas pressuposições do intérprete.<sup>16</sup> De modo geral, a interpretação da perspectiva histórico-crítica tem sido a abordagem majoritária entre teólogos e intérpretes críticos do texto de Daniel.<sup>17</sup> Contudo, no contexto pós-moderno, que preconiza a valorização das diferentes perspectivas, é válido e importante expor a perspectiva tradicional, que, aliás, não somente é a abordagem mais antiga, mas também foi dominante por longos séculos e ainda é utilizada em determinados círculos teológicos.<sup>18</sup>

Nesse breve estudo, será adotada uma abordagem interpretativa tradicional que leva em consideração o caráter preditivo do texto em sua forma final e canônica.<sup>19</sup> Através dessa abordagem, buscar-se-á uma interpretação do texto que tome como pressuposto as próprias vindicações preditivas do texto. No primeiro momento, uma visão breve e panorâmica das interpretações do texto será descrita. Posteriormente, uma análise e interpretação do texto de Daniel 2 será sugerida, com o propósito de situar a natureza e o tempo do cumprimento profético do Reino de Deus.

## Interpretações de Daniel 2

Entre os intérpretes cristãos, Irineu (c. 130 – c.200)<sup>20</sup> descreve Cristo como a pedra que suplantaria todos os reinos após a divisão do reino de Roma: “...Cristo é a rocha que é cortada sem mãos, o qual destruirá os reinos temporais e introduzirá o eterno...”.<sup>21</sup> Em sua interpretação, ele via uma progressão dos reinos que envolveria, ao final, a fragmentação do império de Roma até a instauração do Reino de Deus, simbolizado pela rocha.<sup>22</sup>

Seguindo na mesma linha de Irineu, Hipólito<sup>23</sup> (c. 170 – c. 236), que fez comentários sobre o livro de Daniel, aponta o retorno de Cristo como o foco central da

---

<sup>16</sup> KLEIN, William W, BLOMBERG, Craig L, HUBBARD JR, Robert L (eds.). *Introdução à Interpretação Bíblica*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017, p. 258-259.

<sup>17</sup> HASEL, Gerhard F. “Estabelecendo uma Data para o Livro de Daniel”. In: HOLBROOK, Frank B (ed.). *Estudos Sobre Daniel: Origem, Unidade e Relevância Profética*. 2 ed. Engenheiro Coelho, SP: UNASPRESS, 2021. p. 97-98.

<sup>18</sup> No âmbito das pressuposições hermenêuticas, o debate entre o objetivo da interpretação como resgate da intenção do autor e o papel do leitor como fundamento da interpretação tem direcionado as perspectivas e abordagens interpretativas na atualidade. Ver: OSBORNE, Grant R. *A Espiral Hermenêutica: Uma Nova Abordagem à Interpretação Bíblica*. São Paulo: Vida Nova, 2015, p. 632-640.

<sup>19</sup> A abordagem adotada seguirá a linha da “Teologia Bíblica Canônica” sugerida por Gerhard F. Hasel. Ver: HASEL, Gerhard F. “Proposals for a Canonical Biblical Theology”. In *Andrews University Seminary Studies*, Spring 1996, Vol. 34, Nº 1, p. 23-33. Conferir também: HASEL, Gerhard F. *Teologia do Antigo e Novo Testamento: Questões Básicas no Debate Atual*. São Paulo: Ed. Academia Cristã, 2007, p. 459-476. Uma abordagem que leva em consideração o caráter preditivo do texto de Daniel pode ser visto em: BALDWIN, Joyce B. *Daniel: Introdução e Comentário*. Série Cultura Bíblica, SP: Vida Nova, 2008.

<sup>20</sup> Bispo da cidade de Lyon, Irineu empenhou-se em escrever contra ensinamentos de grupos considerados heréticos. Através de sua obra *Adversus Haereses*, ele busca refutar, por meio das Escrituras, as doutrinas gnósticas de seu tempo. Ver: CAREY, Patrick W; LIENHARD, Joseph T. (eds.). *Biographical Dictionary of Christian Theologians*. Peabody, Massachusetts: Hendrickson Publishers Inc. 2002, p. 266-269.

<sup>21</sup> IRINAEUS. *Against Heresies*. Book 5. In: SCHAFF, Philipp (ed.). *Anti-Nicene Fathers*. Vol. 1. Grand Rapids, MI: Christian Classic Ethereal Library, [s.d.], p.1366.

<sup>22</sup> IRINAEUS, [s.d.], p. 1362-1367.

<sup>23</sup> Hipólito é considerado um dos mais importantes líderes do terceiro século. Embora sua principal obra escrita seja o livro *Refutação de todas as Heresias*, seu comentário sobre o livro de Daniel é a primeira exposição cristã desse texto apocalíptico. Ver: Hippolytus, St. In: CROSS, F. L; LIVINGSTONE, E. A (eds.). *Dictionary of the Christian Church*. Peabody, Massachusetts: Hendrickson Publishers, Inc, 2007, p. 773-774.

profecia. Em seus escritos, a pedra que atinge a estátua é identificada com Cristo, que trará o juízo: “... Cristo vindo do Céu como a rocha retirada da montanha para subjugar os reinos deste mundo, inaugurará o reino celeste dos santos que jamais será destruído...”<sup>24</sup>

Boa parte dos expositores cristãos, do primeiro século em diante, compreendia os quatro reinos de Daniel como sendo Babilônia, Medo-Pérsia, Grécia e Roma. Já a interpretação do significado da Pedra era vista por alguns como a encarnação de Cristo, enquanto, para outros, era um símbolo da primeira ou segunda vinda de Cristo.<sup>25</sup> Essa interpretação historicista da profecia foi dominante entre boa parte dos intérpretes até o século XIX. Porém, desde Flávio Josefo (c. 37 – c. 100), diferentes expositores enfatizaram, em alguns momentos, especialmente na Idade Média, um cumprimento espiritual, enquanto outros, no período pós-Reforma, enfatizaram um cumprimento futuro.<sup>26</sup>

A partir das abordagens bíblicas de Orígenes (c. 185 – c. 254), os conceitos teológicos, como a ressurreição e as profecias, começaram a ser tratados de forma espiritualizada e interpretados alegoricamente.<sup>27</sup> Em sua abordagem hermenêutica, ele distinguia três níveis de sentido baseados na constituição humana: (1) Corpo – Literal; (2) Alma; e (3) Espírito. O terceiro nível era reservado para os espiritualmente maduros: “Pois, assim como o homem consiste em corpo, alma e espírito, assim também consistem as Escrituras, as quais foram preparadas por Deus para serem dadas para a Salvação do homem”.<sup>28</sup> Essa interpretação espiritualizante de Orígenes influenciou Ticônio (c. 330 – c. 390), para o qual as profecias retratam não eventos futuros, mas conflitos de ordem espiritual.

Entre os intérpretes, Agostinho (354 – 430) figura como um dos expositores de grande influência a partir do quarto século. Em sua obra *A Cidade de Deus*, o reino de Deus realiza-se na própria igreja, que é associada à pedra que preencherá a terra. Em sua refutação a Petilianus, Agostinho aplica o reino de Cristo à realidade presente da igreja romana: “Mas você está tão determinado a correr com os olhos fechados contra a montanha que cresceu de uma pedra pequena, de acordo com a profecia de Daniel, e encheu toda a terra...”.<sup>29</sup> Segundo Bennett, a ênfase de Agostinho no cumprimento do reino na igreja, bem como no primeiro advento de Cristo desviou o foco da segunda vinda de Cristo.<sup>30</sup> O comentário de Agostinho em sua obra sobre a pedra como Cristo é elucidativo e resume sua interpretação:

A pedra foi cortada desde então, porque desde então era o Senhor nascido em seu advento entre os homens. E por que sem mãos? Porque sem a cooperação do homem, a Virgem deu à luz a Cristo. Agora, então, aquela, pedra cortada sem mãos estava diante dos olhos dos judeus; mas ela era humilde. Não sem razão; porque aquela pedra não tinha ainda crescido e enchido toda a terra: que ele

<sup>24</sup> HIPPOLITE. *Commentaire sur Daniel*. Traduction Maurice Lefrève. Paris: éditions du Cerf, 1947, p. 147.

<sup>25</sup> PFANDL, Gerhard. “Interpretations of the Kingdom of God in Daniel 2:44”. In *Andrews University Seminary Studies*. Vol 34, Nº 2, p. 250-258.

<sup>26</sup> PFANDL, Gerhard. “Understanding Biblical Apocalyptic”. In: HASEL, Frank M (ed.). *Biblical Hermeneutics: An Adventist Approach*. Silver Spring: Biblical Research Institute, 2020, p. 273-278.

<sup>27</sup> Um breve resumo da abordagem hermenêutica de Orígenes e sua interpretação alegórica dos textos bíblicos pode ser vista em: LOPES, Augustus Nicodemus. *A Bíblia e seus Intérpretes: Uma breve História da Interpretação*. São Paulo: Cultura Cristã, 2007, p. 131-134.

<sup>28</sup> ORIGEN. *On the First Principles*. Notre Dame, IN: Christian Classics, 2013, p. 363-364.

<sup>29</sup> AUGUSTIN, ST. The writings against the Manichaeans and against the Donatists. In: SCHAFF, Philip (ed.). *A select library of the Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church*. Buffalo: The Christian Literature Company, 1887, p. 555. Ver também: AUGUSTINE, ST. *The City of God*. London, England: Penguin Group. 1984.

<sup>30</sup> BENNETT, 2021, p. 326.

manifestou em seu reino que é a igreja, com a qual tem enchido toda face da terra.<sup>31</sup>

A compreensão agostiniana das profecias do reino de Deus exerceu grande influência nos intérpretes do quarto século em diante. Entretanto, Joaquim de Fiore (c. 1135 – 1202), exegeta bíblico,<sup>32</sup> retomou a interpretação histórica da profecia, projetando para o futuro o reino simbolizado pela pedra e, deste modo, rompendo com a leitura que via na Igreja o cumprimento da profecia como reino de Deus.<sup>33</sup> A partir da Renascença, com a difusão dos textos bíblicos, muitos líderes religiosos passaram a propagar uma abordagem histórica das profecias em lugar da interpretação alegórica e espiritualista das profecias.

Martinho Lutero (1483 – 1546) foi um dos grandes expoentes que desafiaram a interpretação tradicional da igreja. Para ele, o papa era o anticristo bíblico, e sua interpretação do livro de Daniel, capítulo 2, seguia uma compreensão historicista do cumprimento profético, tendo a vinda de Jesus como cumprimento final do juízo que virá sobre as nações e o estabelecimento do seu reino.<sup>34</sup> Em seus escritos, ele indica que os quatro impérios da estátua são “... os assírios ou babilônios, o outro os medos e persas, o terceiro Alexandre o Grande e os gregos, o quarto os romanos”.<sup>35</sup> Essa compreensão de Lutero desafiou a igreja a oferecer uma resposta teológica fundamentada na exposição dos livros proféticos.

Outra figura importante na reforma foi João Calvino, reconhecido com um dos grandes expositores bíblicos entre os reformadores. Calvino escreveu um comentário sobre o livro de Daniel, no qual reconhece Roma como sendo o quarto império predito no texto de Daniel 2: “Minha afirmação está perfeitamente correta, de que os intérpretes de moderado juízo e sinceridade todos explicam as passagens Babilônia, Pérsia, Macedônia, e Monarquia Romana, e o próprio Daniel demonstra isso com suas próprias palavras”.<sup>36</sup> A grande questão para Calvino é “...Por que Deus representa essas quatro monarquias através dessas imagens?”.<sup>37</sup> Em sua interpretação, Cristo é a pedra que “...deve vir e derrubar as monarquias”.<sup>38</sup>

Uma das respostas à interpretação protestante veio através do jesuíta Francisco Rivera (1537-1591). Rivera buscou tirar a imagem do papa como o anticristo, lançando as profecias para o futuro. Dessa forma, o anticristo deixou de ser associado à figura do papa, e a igreja passou, por sua vez, a designar uma figura que surgiria no futuro.

---

<sup>31</sup> AUGUSTINE, ST. Homilies on the Gospel of John; Homilies on the first Epistle of John; Soliloquies. In: SCHAFF, Philip (ed.). Nicene and Post-Nicene Fathers. Series 1. Vol 7. Grand Rapids, MI: Christian Classics Ethereal Library, [s.d.], p. 37.

<sup>32</sup> CROSS, F. L, LIVINGSTONE, E. A (eds.). “Joachim of Fiore”. In: *Dictionary of the Christian Church*. 3 ed. Peabody, Massachusetts: Oxford University Press, 1997, p. 878.

<sup>33</sup> FROOM, 1950, p. 702.

<sup>34</sup> Em suas exposições sobre a figura do anticristo, Lutero o relacionava não apenas com a figura do Papa, mas também com a Turquia. No entanto, em seus estudos posteriores, ele ratificava a figura papal como o verdadeiro anticristo. É importante notar que essa relação com a figura papal, por parte de Lutero não é nova, mas reflete o antagonismo contra o papa desde a Idade Média. Ver: VOGEL, Winfried. “The Eschatological Theology of Martin Luther: Part II, Luther’s Exposition of Daniel and Revelation”. In *Andrews University Seminary Studies*, summer 1987, Vol. 25, Nº 2, 183-199; LINDBERG, Carter. “Eschatology and Fanaticism in the Reformation Era: Luther and the Anabaptists”. In *Concordia Theological Quarterly*, Vol. 64:4, October 2000, p. 259-265.

<sup>35</sup> LUTHER, Martin. *Complete Writings: Interpretation of the Old Testament*. Vol. 6. St. Louis, MO: Concordia Publishing House, 1897, p. 898-899.

<sup>36</sup> CALVIN, John. *Commentary on Daniel*. Vol. 1. Christian Classics Ethereal Library. [s.d.], p. 150.

<sup>37</sup> CALVIN, [s.d.], p.150.

<sup>38</sup> CALVIN, [s.d.], p.153.

A perspectiva de interpretação profética lançada por Francisco Rivera não foi a única a desviar o foco interpretativo da igreja como o anticristo. Outro jesuíta, Luís de Alcazar (1554 – 1613), através do seu método hermenêutico conhecido como “preterismo”<sup>39</sup>, aplicou os textos proféticos ao passado. Segundo essa abordagem, as profecias tiveram seu cumprimento no período do império Romano. Assim, a identificação do papa como Anticristo deixa de ser possível, visto que os cumprimentos já teriam ocorrido no passado. Essa forma compreender o cumprimento profético influenciou muitos protestantes em sua maneira de interpretar as profecias.

Segundo Bennett, a interpretação profética sob a perspectiva preterista foi profundamente disseminada no meio protestante através dos escritos do racionalista alemão Johann Gottfried Eichhornn (1752 – 1827), que republicou os escritos da perspectiva preterista de Luis de Alcazar. Muitos pesquisadores, como Wilhelm Martin Leberecht de Wette (1780 – 1849), Franz Delitzsch (1813 – 1890), e Julius Wellhausen (1844 – 1918), reforçaram essa perspectiva de interpretação.<sup>40</sup>

Apesar da incursão dos novos métodos, a interpretação historicista manteve-se predominante no século XVII. Foi, porém, com o surgimento da alta crítica que as perspectivas preteristas e crítico-históricas de interpretação profética passaram a se estabelecendo como majoritárias.<sup>41</sup> Segundo essa escola, o livro de Daniel foi escrito por volta do século II a.C., e seu caráter preditivo foi rejeitado, sob a alegação de que os relatos foram redigidos após os eventos terem ocorrido (*vaticinia ex eventu*). Na perspectiva dessa escola, o capítulo 2 do livro de Daniel é situado no período dos Macabeus, ou seja, após os impérios da Babilônia, Medo- Pérsia e Grécia já terem saído de cena do palco histórico. Contudo, evidências recentes apontam para uma ambiguidade e falta de suporte histórico sólido na defesa de uma data tardia – por volta do século II a.C. – para o livro de Daniel.

Os Manuscritos do livro de Daniel encontrados em Qumran desafiam a tese de uma data recente do livro de Daniel. Escritos no século II a.C.,<sup>42</sup> em Qumran foram

---

<sup>39</sup> O termo “preterismo” designa a compreensão escatológica que sujeita os cumprimentos proféticos bíblicos, em especial do livro do Apocalipse, como eventos que tiveram seu cumprimento parcialmente ou totalmente no período da destruição do templo em Jerusalém em 70 d.C. ou com o declínio do império Romano. Ver: BEALE, G.K. *The Book of Revelation*. Grand Rapids, Michigan/Cambridge, UK: William B. Eerdmans Publishing Company, 1999, p. 44-46; MOUNCE, Robert H. *The Book of Revelation*. Grand Rapids, Michigan/Cambridge, UK: William B. Eerdmans Publishing Company, 1997, p. 24-27.

<sup>40</sup> BENNETT, 2021, p.330. Um breve resumo das diversas interpretações e abordagens sobre o reino de Deus pode ser vista em: LADD, George Eldom. *Crucial Questions about the Kingdom of God*. Grand Rapids, Michigan: W M. B. Eerdmans Publishing Co. 1977, p. 21-39.

<sup>41</sup> Embora o método preterista e a alta crítica limitem as descrições do texto de Daniel ao período contemporâneo de sua escrita, ambos são diferentes entre si. A alta-crítica rejeita qualquer manifestação do sobrenatural enquanto os intérpretes preteristas não necessariamente neguem a inspiração.

<sup>42</sup> Os oito escritos que superam em quantidade de cópias são por ordem decrescente: (1) Salmos, (2) Deuteronômio, (3) Isaías, (4) Gênesis, (5) Êxodo, (6) Jubileus, (7) 1 Enoque, e (8) Levítico. Ver: FLINT, Peter W. “The Daniel Tradition at Qumran”. In: COLLINS, John J, FLINT, Peter W (eds.). *The Book of Daniel: Composition and Reception*. Vol. 2. Boston/Leiden: Brill Academic Publishers, inc., 2002. p. 329. Os oito manuscritos de Qumran são: (1) 1QDan<sup>a</sup> (número 1Q71 – 1:10-2:6); (2) 1QDan<sup>b</sup> (número 1Q72 - 3:22-30); (3) 4Dan<sup>a</sup> (número 4Q112 - 1:16-11:16); (4) 4QDan<sup>b</sup> (número 4Q113 - 5:10-8:16); (5) 4QDan<sup>c</sup> (número 4Q114 - 10:5-11:29); (6) 4QDan<sup>d</sup> (número 4Q115 – 3:23-7:23?); (7) 4QDan<sup>e</sup> (número 4Q116 – 9:12-17?); (8) pap6QDan (número 6Q7 – 8:16? – 11:38). Com exceção do capítulo 12, todos os demais capítulos são atestados nos manuscritos de Qumran. Apesar da ausência do capítulo 12, sua autenticidade como componente integrante do livro é confirmada em forma de citação na 4QFlorilegium (12:10). Ver: ULRICH, Eugene. “The Text of Daniel in the Qumran Scrolls”. In: COLLINS, John J, FLINT, Peter W (eds.). *The Book of Daniel: Composition and Reception*. Vol. 2. Boston/Leiden: Brill Academic Publishers, inc., 2002, p. 575.

encontrados oito manuscritos do livro de Daniel.<sup>43</sup> Essa grande quantidade de cópias do livro de Daniel, superada em número apenas por oitos escritos, atesta de sua influência e relevância. É em função dessa grande quantidade de cópias que Michael Knibb observa que a presença de textos apocalípticos como de Daniel aliado a outras obras consideradas apocalípticas são indicativos de sua importância para a comunidade de Qumran.<sup>44</sup> Aliado a descoberta dos manuscritos de Qumran, soma-se as descobertas relacionadas a personagens e aspectos cronológicos que eram colocados em dúvida, porém reafirmados como autênticos a partir das novas evidências.<sup>45</sup>

Na visão tradicional de judeus e cristãos, o livro foi escrito no século VI a.C. tendo Daniel como seu autor. Essa visão está alinhada com a declaração do próprio livro para qual Daniel é seu autor (Dn 12:4). A reivindicação de sua autoria é reforçada pelas falas em primeira pessoa ao longo de várias passagens no texto (8:1-7, 13-19, 27; 9:2-22; 10:2-5).<sup>46</sup> Além disso, é válido lembrar que no Novo Testamento, Daniel é descrito como o autor das palavras proféticas encontradas no livro (Mateus 24:15). Tomando em consideração o relato bíblico de Daniel, seu contexto de escrita o situa no período de governo de Nabucodonosor (605 a.C.) reforçando o caráter profético do livro.

## A Natureza Apocalíptica de Daniel 2

A mensagem comunicada a Nabucodonosor através de uma visão traduz o caráter divino da mensagem recebida. Segundo Jacques Doukhan, na cultura Babilônica era comum a compreensão de que os Deuses poderiam comunicar mensagens aos seres humanos através de sonhos. O significado dos sonhos e sua relação com os Deuses era tão importante que esquecer um sonho era interpretado como um sinal de ira por parte das divindades.<sup>47</sup>

Além de buscar transmitir a imagem do caráter divino da mensagem, o texto transmite a perspectiva de previsão do futuro. Ao interpretar o sonho, Daniel declara que Deus estava revelando ao rei Nabucodonosor eventos que ocorreriam futuramente: “O Grande Deus fez saber ao Rei o que há de ser futuramente” (Dn 2:45). A ideia de que a mensagem do sonho se tratava de uma descrição preditiva do futuro é destacada especialmente no versículo 28 ao declarar que o próprio Deus estava revelando mistérios referentes aos últimos dias: “mas há um Deus no céu, o qual revela mistérios, pois, fez saber ao rei Nabucodonosor o que há de ser nos últimos dias”.

A expressão hebraica para visão  $\text{יִרְוּ}$  que ocorre no texto de Isaias e em outros textos proféticos é a mesma correspondente no texto de Daniel 2 (em Aramaico no cap 2  $\text{יִרְוּ}$ ). Essa expressão é, em alguns casos, usada como declaração técnica para uma visão profética nos textos bíblicos do Antigo Testamento (Hc 1:1; M1 1:1). Sdravako Stefanovic,

---

<sup>43</sup> VANDERKAM, James C. *The Dead Sea Scrolls Today*. 2ed. Grand Rapids, Michigan/Cambridge, UK: William B. Eerdmans Publishing Company, 2010, p. 176.

<sup>44</sup> KNIBB, Michael A. “Apocalypticism and Messianism”. In: *The Oxford Handbook of the Dead Sea Scrolls*. Oxford: Oxford University Press, 2012, p. 403.

<sup>45</sup> HASEL, Gerhard F. “The Book of Daniel: Evidences Relating to Persons and Chronology”. *Andrews University Seminary Studies*, Vol. 19, nº 1, Spring 1981, p. 37-49.

<sup>46</sup> Apesar de algumas passagens estarem na terceira pessoa (1:6-11,17, 19, 21; 2:14-20; etc), esse fato não contraria sua autoria, pois tal fato é recorrente em obras da antiguidade.

<sup>47</sup> DOUKHAN, Jacques B. *Secrets of Daniel: Wisdom and Dreams of a Jewish Prince in Exile*. Hagerstown, MD: Review and Herald Publishing Association, p. 25; ver também: COLLINS, John J. *Daniel: A Commentary on the Book of Daniel*. Minneapolis: Fortress Press, 1993, p. 155.

em seu comentário do livro de Daniel, reforça a ideia de que o livro em sua totalidade descreve um Deus que atua na história humana e que, portanto, também descortina o futuro.<sup>48</sup> Nesse sentido, o caráter profético apocalíptico do livro é reafirmado como pressuposição para a compreensão e interpretação do texto. Visto que a pressuposição da possibilidade de predição e datação do livro assumida ou não pelo intérprete será determinante na interpretação dos resultados e da aplicação da mensagem contida nesse livro, é fundamental que o intérprete faça sua escolha do método de interpretação que adotará.

Na história da interpretação do livro de Daniel, é possível identificar abordagens que negam o caráter preditivo, autoria e datação presumida no próprio livro. Essa linha interpretativa, conforme visto, localiza a mensagem descrita no livro a eventos do período dos Macabeus. Por outro lado, alguns autores destacam a importância de uma abordagem interpretativa que leve em conta a perspectiva da atuação divina na história e sua autorrevelação nos textos bíblicos. A declaração de Baldwim destaca a perspectiva exposta pelo próprio texto de Daniel:

Usando sonhos e visões, sinais, símbolos e números ele parece estar declarando o curso da história e chamando atenção ao seu significado, mapeando seu curso à medida em que ela se encaminha ao seu final. Em linguagem técnica o livro é, portanto, escatológico (gr. *Eschaton*, fim). Tal como os primeiros capítulos de Gênesis, é universal em seu escopo, apresentando ainda uma abrangente visão do tempo histórico. Isso se torna possível por meio de uma série de visões especiais que revelam a Daniel o propósito de Deus para o mundo. Tal desvendamento da história a partir de uma perspectiva divina é uma característica saliente da literatura apocalíptica [...].<sup>49</sup>

A leitura e interpretação do texto, considerando sua autoafirmação da intervenção divina, abre espaço para uma das possíveis linhas interpretativas que, como visto anteriormente, é uma das mais antigas e ainda válidas especialmente no contexto pós-moderno de valorização das diferentes perspectivas e abordagens do texto bíblico.

## A Visão de Daniel 2

O capítulo 2 de Daniel narra uma visão que o Rei Nabucodonosor teve no segundo ano de seu reinado. Seguindo a cronologia na qual o texto busca situar a visão, o evento teria ocorrido por volta do ano de 603 a.C.<sup>50</sup> A visão tida pelo rei o perturbou (v.3) de tal modo que todos os sábios são chamados para lhe revelarem o sonho e seu significado (vs. 5-6).

Segundo a narrativa, os sábios de babilônia não foram capazes de revelar o sonho e nem sua interpretação (v. 11) tendo como consequência a condenação à morte (v. 12). William Shea observa que o rei, embora não tenha lembrado do sonho, entendeu sua importância de modo a convocar todos os sábios de seu reino. O caráter urgente é destacado ao rei não oferecer nenhum detalhe sobre o sonho, mas exigir, da parte dos sábios a revelação tanto do sonho bem como de sua interpretação.<sup>51</sup> Diante do decreto de morte, surge a figura de Daniel como o homem de Deus capaz de revelar a visão e sua

<sup>48</sup> STEFANOVIC, Sdravko. *Daniel: Wisdom to the Wise*. Nampa, Idaho, Oshawa, Ontario, Canada: Pacific Press Publishing Association, 2007. Na seção introdutória do comentário o autor discute a importância da definição da datação e autoria nos resultados interpretativos do livro.

<sup>49</sup> BALDWIM, 2008, p. 15.

<sup>50</sup> ALVES, João Antônio Rodrigues. *Daniel: Esperança para o Tempo do Fim*. Cachoeira, BA: ESALT, 2023, p. 72.

<sup>51</sup> SHEA, William H. *Daniel: A reader's Guide*. Nampa, Idaho: Pacific Press Publishing Association, 2005, p. 96.

interpretação (v.16, 24). John Goldingay observa que o fato de Daniel e seus amigos não terem concluído o “curso” de formação nas ciências babilônicas realça o fato de que elas não são a fonte das habilidades de Daniel.<sup>52</sup> Por sua vez, o conteúdo da visão vista por Nabucodonosor é descrito por Daniel como sendo de uma estátua composta por diversos metais. Segundo a narrativa o rei representava a cabeça da estátua que era de ouro (v.38). Na visão, todos os reinos, incluído o de Nabucodonosor, são representados por diferentes partes da estátua compostos por diferentes metais.

O ponto culminante da visão ocorre através da imagem de uma pedra que é lançada sem esforço de mão atingindo a estátua em seus pés e esmiuçando, deste modo, toda a estátua e seus metais (vs. 34-35). Através da destruição dos reinos representados pela estatua, um novo reino é estabelecido. Esse reino é descrito como subsistindo para sempre tendo como agente o próprio Deus que atua de maneira ativa para estabelecer um novo reino que será eterno (v.44).

Essa visão suscita a pergunta sobre a natureza e tempo desse reinado que será estabelecido por Deus. Uma breve exposição das expressões, últimos dias, reino de pedra, lançado sem esforço de mãos, e filho do homem auxiliará na compreensão da visão tendo como norte as próprias vindicações e indicações do texto.

## Últimos Dias

A expressão אַחֲרֵית הַיָּמִים “últimos dias” é usada de diferentes formas no AT.<sup>53</sup> Ao todo, sete modos de uso dessa expressão são observadas no AT: (1) O significado temporal de “posteriormente” como usado em Jó 42:12; (2) O sentido lógico de “depois” que aparece em Jeremias 5:31; (3) Um uso básico para designar algo futuro (Jr 29:11); (4) A indicação de posteridade ou remanescente (Sl 109:13); (5) O fim de um evento ou transação (Am 8:10); (6) Um futuro tempo limitado (Nm 24:14); e (7) O sentido escatológico de fim dos tempos (Dn 2:28).<sup>54</sup>

Seguindo as indicações internas do texto em comparação com o capítulo 7, que tratam do estabelecimento do reino através da subjugação de todas as nações, a expressão se enquadra aos últimos momentos da história onde todos os reinos terrestres serão substituídos pelo reino de origem divina que jamais terá fim. Nesse sentido, a marca do estabelecimento do reino de Deus se dará pelo fim dos reinos terrestres.

Os marcadores temporais presentes no texto apontam para uma sequência cronológica e sequencial a partir do reino de Babilônia (vs.37-38). A expressão temporal בְּתַרְךָ “depois de ti” aponta para um reino que se seguiria ao próprio reino de Nabucodonosor. O texto continua com seus marcadores sequenciais indicando um terceiro (v.39) e quarto reino (v. 40) culminando com o reino de pedra que suplantaria finalmente todos os reinos. A intenção de indicar uma sequência de reinos que são sucedidos no tempo um ao outro é reforçada ao se estudar o capítulo 2 em paralelo com

---

<sup>52</sup> GOLDINGAY, John. *Daniel*. Revised edition. Word Biblical Commentary. Vol. 30. Grand Rapids, Michigan: Zondervan Academic. 2019, p. 207.

<sup>53</sup> A expressão é usada 14 vezes no AT (Gn 49:1; Nm 24:14; Dt 4:30; 31:29; Is 2:2 = Mq 4:1; Jr 23:20; 30:24; 48:47; 49:39; Ez 38:16, Dn 2:28 [aram.]; 10:14; Os 3:5). Ver: HARRIS, R. Laird. “אַחֲרֵית”. In: HARRIS, R. Laird; ARCHER, Gleason L; WALTKE, Bruce K (eds.). *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 54.

<sup>54</sup> SEEBASS, Horst. “אַחֲרֵית”. In: BOTTERWECK, G. Johannes; RINGGREN, Helmer (eds). *Theological Dictionary of the Old Testament*. Vol. 1. Grand Rapids, Michigan: Wm. B. Eerdmans Publishing Co. 2011, p. 207-211.

os capítulos 7 e 8 de Daniel que claramente delineiam uma progressão temporal e descritiva de reinos que se sucedem temporalmente. Segundo a ordem sequencial apresentada pelo texto, os impérios seriam em ordem cronológica: Babilônia (605 – 539 a.C.), Medo-Pérsia (539 – 331 a.C.), Grécia (331 – 168 a.C.), e Roma (168 a.C. – 476 d.C.). Curiosamente, Isaque Newton (1643 – 1727), que é reconhecido principalmente por suas contribuições a ciência, escreveu um comentário sobre o livro de Daniel e Apocalipse. Em suas observações sobre o capítulo 2 de Daniel, ele reafirma o caráter profético do capítulo assim como a sequência de Babilônia, Medo-Pérsia, Grécia e Roma como cumprimento das sequências de metais simbolizadas na estátua de ouro.<sup>55</sup> De modo geral, a sequência de impérios descritos em Daniel 2 como sendo Babilônia, Medo-Pérsia, Grécia, e Roma foi interpretado com certo grau de unanimidade entre intérpretes Judeus, Protestantes e, por católicos ao longo de séculos. Como exemplo menciona-se: Flávio Josefo, Johanan bem Zakkai, Jefet Ibn Ali, Rashi, Maimônides, Irineu, Hipólito, John Wycliffe, Martinho Lutero, Filipe Melâncton, Tobias Stimmer, Thomas Brightman, John Tillinghast, Thomas Newton, Jean de La Fléchere, Ephraim Huit, Increase Mather, David Austin.<sup>56</sup>

## Reino de Pedra

O reino de pedra é interpretado por muitos autores como uma referência a previsão da primeira vinda de Cristo. Porém, ao se usar o Novo Testamento como auxílio na interpretação do reino messiânico, os textos bíblicos apontam para o estabelecimento pleno do Reino de Deus em sua segunda vinda quando julgará todos os povos (2Tm 4:1).<sup>57</sup>

William Shea nota em seu comentário<sup>58</sup> do capítulo 2 de Daniel que a pedra descreve o Reino de Deus que será estabelecido após a destruição de todos os reinos simbolizados pelos metais. Segundo Shea, o reino de Deus finalizará o curso da história na qual o objetivo final terá como clímax a nova ordem estabelecida pelo próprio Deus. Muitas interpretações sugerem a primeira vinda de Jesus como cumprimento e estabelecimento desse reino, porém, Mervyn Maxwell ao tratar das declarações de um reino já presente em Jesus e um reino que ainda estará no futuro, divide o reino de Jesus em o Reino da Graça que ocorreu por ocasião de sua primeira vinda e Reino da Glória que ocorrerá em sua segunda Vinda.<sup>59</sup> O Reino da glória corresponde ao reino de pedra de Daniel 2. Na visão canônica de interpretação do texto, a pedra é utilizada como um símbolo para Deus no Antigo Testamento (Is 28:16; Sl 118:22; Gn 49:24). No livro de Daniel o vocábulo אֶבֶן é utilizado para designar a “Rocha”, símbolo para o Reino de Deus. No entanto, no Antigo Testamento o vocábulo אֶבֶן é usado em paralelo com צוּר como no texto de Isaías 8:14: “Ele vos será Santuário; mas será pedra [אֶבֶן] de tropeço e rocha [צוּר] de ofensa às duas casas de Israel, laço e armadilha aos moradores de Jerusalém”. Ambos os usos buscam realçar aspectos divinos através da imagem de solidez da rocha.

Essa imagem da rocha é retomada por Jesus e em textos de Paulo referindo-se a Cristo como sendo a pedra (Lc 20:17-18; 1Co 10: 4). Do mesmo modo que no Antigo

---

<sup>55</sup> NEWTON, Isaque. *Observations upon the Prophecies of Daniel, and the Apocalypse of St. John*. Printed by J.Darby and T.Browne, 1733, p. 24-27.

<sup>56</sup> DORNELES, Vanderlei (ed.). *Comentário Bíblico Adventista do Sétimo Dia*. Vol. 4. SP: CPB, 2013, p. 31-35.

<sup>57</sup> DORNELES, 2013, p. 854.

<sup>58</sup> SHEA, William. *Daniel: A Reader's Guide*. Nampa, Idaho: Pacific Press Publishing Association. 2005. p. 104

<sup>59</sup> MAXWELL, Mervyn C. *Uma Nova Era Segundo as Profecias de Daniel*. 2 ed. Tatuí, SP: CPB, 2011, p. 44-45.

Testamento, o vocábulo πέτρα é usado em paralelo com λίθος: “Como está escrito: Eis que ponho em Sião uma pedra [λίθον] de tropeço e rocha [πέτρων] de escândalo, e aquele que nela crê não será confundido” (Rm 9:33).<sup>60</sup> Essa aplicação da pedra ao Reino de Deus que será implantado pela segunda vinda de Jesus é afirmada por Stephen R. Miller: “Portanto, o estabelecimento do reino de Cristo em seu segundo advento durante o tempo desses reis é o significado da rocha atingindo a estátua em seus pés e dedos”.<sup>61</sup>

Tomando em consideração os paralelos entre os capítulos 2,7, e 8 do livro de Daniel, é possível identificar, a partir do texto bíblico, os impérios de Babilônia, Medo-Pérsia e Grécia. Porém, o quarto império, apesar de não ser nomeado no texto, surge em sequência ao Grego. Conforme já observado, esse quarto império é identificado como o poder Romano por um grande número de intérpretes. Na sequência da visão, os pés em parte de ferro e em parte de barro sugere uma continuidade do quarto império, porém, a mistura do ferro com o barro aponta para um poder dividido. É após esse reino dividido dos pés em parte de ferro e em parte de barro (vs. 33,42) que surge a pedra lançada sem auxílio representando o Reino de Deus. A indicação do estabelecimento do Reino por ocasião da segunda *Parousia* está em harmonia com a descrição de Apocalipse 19:11-21 onde as nações são subjugadas e o soberano Reis dos Reis e Senhor dos Senhores é manifestado diante de todas as nações.

No evangelho de Mateus capítulo 24, a narrativa aponta para a *Parousia* e *Consumação dos Séculos* como um evento que será precedido por diversos conflitos, pestes e confusão religiosa. Segundo a narrativa, *O Filho do Homem* (v.30) aparecerá no céu com poder, glória, e acompanhado por anjos que ao som de trombetas reunirão os escolhidos (v.31). Na carta de Paulo ao Coríntios, as imagens das trombetas e da *Parousia* se conectam com os evangelhos na descrição do estabelecimento do Reino ampliando o cenário escatológico. Na *Parousia* todos os poderes serão destruídos ao mesmo tempo em que o Reino de Deus é estabelecido (15:25). Nesse dia, o relato bíblico de 1 Coríntios declara que ao som da trombeta os mortos serão ressuscitados enquanto os vivos são transformados (vs. 52-53.). Essa descrição recebe um importante complemento no livro do Apocalipse ao revelar que a segunda “vinda” de Jesus será um evento visível a todos (1:7).

Na perspectiva dos escritores do Novo Testamento, o livro de Daniel é visto como tendo seu cumprimento em um período futuro, isto é, para o *eschaton* que estava ainda a frente de seu período.<sup>62</sup> Tomando em consideração o contexto imediato do capítulo 2 de Daniel juntamente com o contexto amplo do livro, fica evidente a sequência cronológica de sucessão de impérios que culminará com segunda vinda de Jesus simbolizada pela rocha que é lançada sobre a estátua.<sup>63</sup>

## Lançado sem auxílio de mãos

---

<sup>60</sup> Ver: “πέτρα”. In: DANKER, Frederick William; BAUER, Walter (eds.). *A Greek-English Lexicon of the New Testament and other Early Christian Literature*. 3 ed. Chicago, London: The University of Chicago Press, 2000, p. 809.

<sup>61</sup> MILLER, Stephen R. *The New American Commentary: Un Exegetical and Theological Exposition of Holy Scripture*. Daniel. V. 18. Nashville, Tennessee: B&H Publishing Group, 1994, p. 100.

<sup>62</sup> LEHMAN, Richard. “Relações entre Daniel e Apocalipse”. In: HOLBROOK, Frank B. (ed.). *Estudos Sobre Apocalipse: Temas Introdutórios*. 2 ed. Engenheiro Coelho, SP: UNASPRESS, 2021, p. 168.

<sup>63</sup> GAEBELEIN, A. C. *The Prophet Daniel: A Key to the Visions and Prophecies of the book of Daniel*. New York: Our Hope Press, 1911, p. 27-35.

A ação divina em contraste com os reinos terrestres dirigidos por homens é realçada pela expressão sem auxílio de mãos humanas (v. 34). Nessa expressão, a narrativa fortalece a ideia de um reino implantado por uma ação sobrenatural. A ênfase na atuação divina na implementação do reino é claramente apresentada na narrativa no versículo 44 ao afirmar que o próprio “Deus suscitará um reino”.

Em vários pontos do texto é enfatizado o caráter sobrenatural do reino. Ao declarar ao rei que “Deus fez saber ao rei o que há de ser no futuro” (v.28), Daniel visa deixar claro a atuação ativa de Deus não só ao dar a visão, mas também ao descrever e estabelecer o seu reino no final do curso da história. Na narrativa bíblica, Deus ainda é descrito como o agente que muda os reis e possui total controle sobre o tempo (v.21). Fica evidente na narrativa a transmissão da ideia de soberania divina sobre a história. No capítulo 4 de Daniel, Nabucodonosor reconhece o Deus altíssimo como Aquele que reina de “geração em geração” (v.34) e domina o “reino dos homens” (v.17) estabelecendo reis (2:38).

## Filho do Homem

Daniel capítulo 7 apresenta paralelos e uma continuidade da visão do capítulo 2. Enquanto no capítulo 2 os reinos são simbolizados por diferentes metais em uma estátua, no capítulo 7 as nações e reinos são representados pela imagem de animais com características incomuns. Conforme a narrativa, os animais são representações de sucessivos reinos que surgirão no plano histórico da terra até sua aniquilação total: “Estes grandes animais, que são quatro, são quatro reis que se levantarão da terra” (7:17). Na visão do capítulo 7, os reinos chegam ao seu fim por ocasião do julgamento divino (vs.10, 25). Nesse contexto, surge a figura do “Filho do Homem” que recebe domínio, glória e o reino (v.14). Do mesmo modo que o Reino de Deus simbolizado pela rocha no capítulo 2 dura para sempre (2:44), o “Filho do Homem” governará sobre todos os povos eternamente (7:14). Craig Evans observa que “O Filho do Homem” se encontra no clímax das declarações sobre o Reino de Deus no livro de Daniel. Nesse clímax, o “Filho do Homem” recebe o poder, glória, e reino que será eterno.<sup>64</sup>

A imagem do “Filho do Homem” presente no livro de Daniel será retomada no Novo Testamento por Jesus ao se referir a si mesmo como o “Filho do Homem” (Mt 17:22; Mc 9:31,10:45; Lc 5:24). Não há dúvidas quanto ao fato da influência da figura do filho do homem no Novo Testamento. A esse respeito, James Dunn pontua que a dúvida não é quanto a influência da figura do “filho do homem”, mas em como e quando essa imagem foi absorvida pelos textos neotestamentários.<sup>65</sup> As conexões literárias entre os textos do Novo Testamento e Daniel 7 podem ser observadas na expressão e palavras “Filho do Homem”, “Nuvem”, e “Vindo”.

Daniel 7:13 (LXX) - καὶ ἰδοὺ ἐπὶ τῶν νεφελῶν τοῦ οὐρανοῦ ὡς υἱὸς ἀνθρώπου ἦρχετο καὶ ὡς παλαιὸς ἡμερῶν παρῆν...

<sup>64</sup> EVANS, Craig A. “Daniel in the New Testament: Vision’s of God’s Kingdom”. In: COLLINS, John J, FLINT, Peter W (eds.). *The Book of Daniel: Composition and Reception*. Boston, Leiden: Brill Academic Publishers, Inc, 2002, p. 501.

<sup>65</sup> DUNN, James D.G. “The Danielic Son of Man in the New Testament”. In: COLLINS, John J, FLINT, Peter W (eds.). *The Book of Daniel: Composition and Reception*. Boston, Leiden: Brill Academic Publishers, Inc, 2002, p. 528. Ver também: BORSCH, F.H. “Further Reflections on ‘The Son of Man’: The Origins and Development of the Title”, In: CHARLESWORTH, James H (ed.). *The Messiah: Developments in Earliest Judaism and Christianity*. Minneapolis: Fortress Press, 1992, p. 130-144.

Daniel 7:13 (Teodócio) - ἰδοὺ μετὰ τῶν νεφελῶν τοῦ οὐρανοῦ ὡς υἱὸς ἀνθρώπου ἐρχόμενος ἦν καὶ ἕως τοῦ παλαιοῦ τῶν ἡμερῶν ἔφθασεν καὶ ἐνώπιον αὐτοῦ προσηνέχθη.

Mateus 24:30 - καὶ ὄψονται τὸν υἱὸν τοῦ ἀνθρώπου ἐρχόμενον ἐπὶ τῶν νεφελῶν τοῦ οὐρανοῦ μετὰ δυνάμεως καὶ δόξης πολλῆς.

Marcos 14:62 - καὶ ὄψεσθε τὸν υἱὸν τοῦ ἀνθρώπου ἐκ δεξιῶν καθήμενον τῆς δυνάμεως καὶ ἐρχόμενον μετὰ τῶν νεφελῶν τοῦ οὐρανοῦ.

Apocalipse 14:14 - καὶ ἰδοὺ νεφέλη λευκή, καὶ ἐπὶ τὴν νεφέλην καθήμενον ὅμοιον υἱὸν ἀνθρώπου, ἔχων...

O cenário descrito no livro de Daniel do reinado do “Filho do Homem” como soberano sobre toda terra é retomado no livro do Apocalipse e aplicado ao reinado de Jesus: “O reino do mundo se tornou do nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará pelos séculos dos séculos” (Ap 11:15).

## Considerações finais

Através da leitura da visão comunicada a Nabucodonosor em Daniel 2 é notória a ênfase na origem divina do Reino de Deus através de sua ação soberana como “Rei” de toda a terra e universo. A implicação da ação soberana de Deus é que o seu Reino não pode ser implantado por alguma intervenção humana na realidade histórica através de guerras ou ações políticas, mas exclusivamente pela intervenção sobrenatural de Deus na esfera terrena. Louis Hartman e Alexander Di Lela reforçam essa realidade ao declararem que “O Reino de Deus que substitui o reino dos ímpios, não pode ser inaugurado por meios militares ou recursos humanos”.<sup>66</sup> Ou seja, “O Reino de Deus é uma realização divina e não humana”.<sup>67</sup>

Outro aspecto importante realçado é sua durabilidade. Enquanto os reinos são descritos como sucedendo uns aos outros, o Reino de Deus será eterno. Destaca-se ainda que a implantação do Reino ocorrerá no espaço temporal. A localização temporal ocorre nos últimos dias, após a sucessão de vários reinos terrenos tendo sua implementação após os últimos reinos terrenos representados pelos pés de barro misturado com ferro ser atingido pela pedra. Essa visão de implementação do Reino de Deus no tempo do fim está em harmonia com as descrições do Novo Testamento que o projetam, em seu caráter final, para os últimos momentos de história. Por fim, a visão demonstra que Deus está no controle da história conduzindo tudo de forma soberana até seu clímax final.

## Referências

ALVES, João Antônio Rodrigues. **Daniel**: Esperança para o Tempo do Fim. Cachoeira, BA: ESALT, 2023.

BALDWIM, Joyce B. **Daniel**: Introdução e Comentário. Série Cultura Bíblica. São Paulo: Vida Nova, 2008.

<sup>66</sup>HARTMAN, Louis F; LELLA DI, Alexander A (eds.). *The Book of Daniel*. Gardem City, New York: Doubleday & Company, Inc, 1985, p. 107.

<sup>67</sup> HARTMAN, 1985, p. 107.

- HOLBROK, Frank (ed.). **Estudos sobre Daniel**: Origem, Unidade e Relevância profética. 2 ed. Engenheiro Coelho, SP: UNASPRESS, 2021.
- BÍBLIA. Revista e Atualizada no Brasil. João Ferreira de Almeida. 2 ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.
- BOTTERWECK, G. Joahannes; RINGGREN, Helmer; FABRY, Heinz Josef (eds.). **Theological Dictionary of The Old Testament**. Vol. 1 e 8. Grand Rapids, Michigan: William B. Eerdmans Publishing Co. 1997.
- BROWN, Collin, COENEN, Lothar. **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2000.
- BULTMANN, Rudolf. **Theology of the New Testament**. Vol. 1. New York: Charles Scribner's Sons. 1951.
- CALVIN, John. **Commentary on Daniel**. Vol. 1. Christian Classics Ethereal Library, [s.d.].
- CAREY, Patrick W; LIENHARD, Joseph T. (eds.). **Biographical Dictionary of Christian Theologians**. Peabody, Massachusetts: Hendrickson Publishers Inc., 2002.
- CARSON, Donald A. **O Comentário de Mateus**. São Paulo: Shedd Publicações, 2010.
- CHARLESWORTH, James H. (ed.). **The Old Testament Pseudepigrapha: Apocalyptic Literature and Testaments**. Vol. 1. 5 ed. Peabody, Massachusetts: Hendrickson Publishers, 2016.
- CHARLESWORTH, James H. **The Messiah: Developments in Earliest Judaism and Christianity**. Minneapolis: Fortress Press, 1992.
- COLLINS, John J, FLINT, Peter W (eds.). **The Book of Daniel: Composition and Reception**. Boston, Leiden: Brill Academic Publishers, Inc, 2002.
- COLINS, John J.; LIM, Timothy H. (eds.). **The Oxford Handbook of the Dead Sea Scrolls**. Oxford: Oxford University Press, 2012.
- COLINS, John J. **Daniel: A Commentary on the Book of Daniel**. Minneapolis: Fortress Press, 1993.
- CROSS, F. L; LIVINGSTONE, E. A. (eds.). **Dictionary of the Christian Church**. Peabody, Massachusetts: Hendrickson Publishers, Inc, 2007.
- DANKER, Frederick William; BAUER, Walter (eds.). **A Greek-English Lexicon of the New Testament and other Early Christian Literature**. 3 ed. Chicago, London: The University of Chicago Press, 2000.
- DORNELES, Vanderlei (ed.). **Comentário Bíblico**. Vol. 4. Tatuí, SP: CPB, 2013.
- DOUKHAN, Jacques B. **Secrets of Daniel: Wisdom and Dreams of a Jewish Prince Exile**. Hagerstown, MD: Review and Herald Publishing Association.
- FRANCE, R. T. **The Gospel of Matthew**. Grand Rapids, Michigan: Wm.B. Eerdmans Publishing Co, 2007.
- FREEDMAN, David Noel (ed.). **The Anchor Bible Dictionary**. Vol. 2 D-G; Vol. 4 K-N. New York, London, Toronto, Sydney, Auckland: Doubleday, 1992.
- FROOM, Leroy E. **The Prophetic Faith of Our Fathers**. Vol. 1, Washington: Review and Herald Publishing Association, 1950.
- GAEBELEIN, A. C. **The Prophet Daniel: A Key to the Visions and Prophecies of the book of Daniel**. New York: Our Hope Press, 1911.
- GOLDINGAY, John. **Daniel**. Revised editon. Word Biblical Commentary. Vol. 30. Grand Rapids, Michigan: Zondervan Academic. 2019.
- HARRIS, R. Laird; ARCHER, Gleason L; WALTKE, Bruce K (eds.). **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998.
- HARTMAN, Louis F.; LELLA DI, Alexander A. (eds.). **The Book of Daniel**. Gardem City, New York: Doubleday & Company, Inc, 1985.

- HASEL, Frank M. (ed.). **Biblical Hermeneutics: An Adventist Approach**. Silver Spring: Biblical Research Institute, 2020.
- HASEL, Frank M. **Teologia do Antigo e Novo Testamento: Questões Básicas no Debate Atual**. São Paulo: Ed. Academia Cristã, 2007.
- HASEL, Frank M. "Proposals for a Canonical Biblical Theology". In: **Andrews University Seminary Studies**, Spring 1996, Vol. 34, Nº 1.
- HASEL, Frank M. "The Book of Daniel: Evidences Relating to Persons and Chronology". In: **Andrews University Seminary Studies**, Vol. 19, nº 1, Spring 1981.
- HIPÓLITO. **Commentaire sur Daniel**. Traduction Maurice Lefrève. Paris: éditions du Cerf, 1947.
- HOLBROOK, Frank B. (ed.). **Estudos Sobre Daniel: Origem, Unidade e Relevância Profética**. 2 ed. Engenheiro Coelho, SP: UNASPRESS, 2021.
- KITTEL, Gerhard (ed.). **Theological Dictionary of The New Testament**. Vol. 1. Grand Rapids, Michigan: Wm. B. Eerdmans Publishing Company, 1969.
- KLEIN, William W., BLOMBERG, Craig L., HUBBARD JR, Robert L. (eds.). **Introdução à Interpretação Bíblica**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.
- KNIBB, Michael A. "Apocalypticism and Messianism". In: **The Oxford Handbook of the Dead Sea Scrolls**. Oxford: Oxford University Press, 2012.
- LADD, George E. **Crucial Questions about the Kingdom of God**. Grand Rapids, Michigan: W M. B. Eerdmans Publishing Co. 1977.
- LADD, George E. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2012.
- LINDBERG, Carter. "Eschatology and Fanaticism in the Reformation Era: Luther and the Anabaptists". In: **Concordia Theological Quarterly**. Vol. 64:4, October 2000.
- LOPES, Augustus N. **A Bíblia e seus Intérpretes: Uma breve História da Interpretação**. São Paulo: Cultura Cristã, 2007.
- LUTERO, Martinho. **Complete Writings: Interpretation of the Old Testament**. Vol. 6. St. Louis, MO: Concordia Publishing House, 1897.
- MAXWELL, Mervyn C. **Uma Nova Era Segundo as Profecias de Daniel**. 2 ed. Tatuí, SP: CPB, 2011.
- MILLER, Stephen R. **The New American Commentary: An Exegetical and Theological Exposition of Holy Scripture**. Daniel. V. 18. Nashville, Tennessee: B&H Publishing Group, 1994.
- MONTGOMERY, James A. **Daniel: The International Critical Commentary**. Skokie, Illinois: Varda Books, 2005.
- NEWTON, Isaque. **Observations upon the Prophecies of Daniel, and the Apocalypse of St. John**. Printed by J. Darby and T. Browne, 1733.
- ORÍGENES. **On the First Principles**. Notre Dame, IN: Christian Classics, 2013.
- OSBORNE, Grant R. **A Espiral Hermenêutica: Uma Nova Abordagem à Interpretação Bíblica**. São Paulo: Vida Nova, 2015.
- PFANDL, Gerhard. "Interpretations of the Kingdom of God in Daniel 2:44". **Andrews University Seminary Studies**. Vol 34, Nº 2.
- ROSSANO, P; RAVASI, G; GIRLANDA A. (eds.). **Nuevo Diccionario de Teología Bíblica**. Madrid: Ediciones Paulinas, 1990.
- SHEA, William. **Daniel: A Reader's Guide**. Nampa, Idaho: Pacific Press Publishing Association, 2005.
- SCHAFF, Philipp (ed.). **Anti-Nicene Fathers**. Vol. 1. Grand Rapids, MI: Christian Classic Ethereal Library, 1999.
- SCHAFF, Philipp. **A select library of the Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church**. Buffalo: The Christian Literature Company, 1887.

- SCHAFF, Philip (ed.). **Nicene and Post-Nicene Fathers**. Series 1. Vol 7. Grand Rapids, MI: Christian Classics Ethereal Library, [s.d].
- STEFANOVIC, Sdravko. **Daniel: Wisdom to the Wise**, Nampa, Idaho, Oshawa, Ontario, Canada: Pacific Press Publishing Association. 2007.
- VANDERKAM, James C. **The Dead Sea Scrolls Today**. 2 ed. Grand Rapids, Michigan/Cambridge, UK: William B. Eerdmans Publishing Company, 2010.
- VANDERKAM, James C.; FLINT, Peter (ed). **The Meaning of the Dead Sea Scrolls: Their Significance for Understanding the Bible, Judaism, Jesus, and Christianity**. San Francisco: Harper Collins Publishers, 2004.
- VOGEL, Winfried. "The Eschatological Theology of Martin Luther: Part II, Luther's Exposition of Daniel and Revelation". In: **Andrews University Seminary Studies**. Summer 1987, Vol. 25, Nº 2.